

METÁFORAS, PROTÓTIPOS E ESQUEMAS IMAGÉTICOS: COMO A LINGUAGEM REVELA OS CAMINHOS DA MENTE

Naira de Almeida Velozo (UFRJ)

naira_velozo@yahoo.com.br

1. Introdução

A linguística cognitiva é constituída por posições teóricas que partem da *hipótese da motivação conceptual da gramática*, segundo a qual fenômenos léxico-gramaticais devem ser explicados a partir de mecanismos mais gerais da cognição humana. Assim, a linguística cognitiva defende a hipótese da não modularidade da linguagem, assumindo uma perspectiva integradora em relação aos módulos tradicionalmente estabelecidos.

De acordo com os sociocognitivistas, a estrutura léxico-gramatical das línguas naturais reflete, em alguma medida, a estrutura do pensamento. Em vista disso, assume-se que a representação do conhecimento do mundo não é fundamentalmente diferente da representação semântica, e que os processos cognitivos gerais, como mecanismos de categorização e de atenção, motivam os fenômenos gramaticais.

No âmbito da linguística cognitiva, a construção da significação referente ao universo cultural leva em conta a captação dos dados da experiência. Sendo assim, uma das hipóteses centrais dessa abordagem é que as experiências humanas mais básicas, as quais se estabelecem a partir do corpo, fornecem as bases dos sistemas conceptuais humanos. O pensamento é compreendido, portanto, como *corporificado*, uma vez que sua estrutura e sua organização estão associadas diretamente à estrutura do corpo, assim como às restrições humanas de percepção e de movimento no espaço.

A partir desses postulados teóricos, neste artigo, objetiva-se analisar os usos do conectivo *mas* em uma interação espontânea, com base na *teoria da metáfora conceptual* e nos conceitos de *categorização* e *esquemas imagéticos*, a fim de corroborar as hipóteses da linguística cognitiva e de investigar como as metáforas, os protótipos e os esquemas imagéticos tornam possível o discurso argumentativo.

2. Breves considerações sobre a linguística cognitiva

Retomando a proposta filosófica de Putnam (1981) em relação à razão humana, Lakoff (1987), um dos precursores da linguística cognitiva, adota o *realismo experiencialista* em seus estudos. Embora reconheça a existência da realidade externa, o realismo experiencialista assume que, devido à forma e à configuração dos corpos e cérebros humanos, estabelece-se necessariamente uma perspectiva particular entre várias perspectivas possíveis e igualmente viáveis em relação ao mundo. Partindo dessa retomada, resumem-se os principais postulados da linguística cognitiva da seguinte forma:

O pensamento é “enraizado” no corpo, de modo que as bases do nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social; o pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia e imagética mental, caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento literal da realidade; o pensamento tem propriedades *gestálticas*: os conceitos apresentam uma estrutura global não atomística, para além da mera reunião de ‘blocos conceptuais’ a partir de regras específicas. (FERRARI, 2011, p. 22)

O significado é entendido, portanto, como uma construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Sob essa ótica, acredita-se que as palavras não *contêm* significados, mas orientam a construção do sentido.

Na próxima seção, apresentam-se considerações básicas acerca da *teoria dos protótipos*, as quais se relacionam estreitamente à noção de perspectiva e de categorização e recategorização do mundo.

3. Teoria dos protótipos

Antes de revisar, especificamente, as considerações básicas acerca da *teoria dos protótipos*, é preciso tratar do processo de categorização, que é essencial em relação à linguagem.

A categorização é o processo através do qual se agrupam entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) em classes específicas. As estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à capacidade humana de memória. Percebe-se que se agrupam objetos em categorias para falar do mundo, mas não se criam um número infinito de cate-

gorias, pois isso acarretaria em sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações.

De acordo com o modelo clássico de categorização, para que um elemento pertença a uma categoria, esse deve possuir todos os atributos definidores da mesma. Os membros da categoria AVE, por exemplo, devem “ter bico”, “ter duas asas”, “ter dois pés”, “ter pernas”, “poder voar” e “colocar ovos”. Assim, enquanto gaivotas e pardais seriam membros da categoria AVE, indiscutivelmente, os pinguins precisariam ser excluídos da categoria, por possuírem asas atrofiadas com função de nadadeira e não possuírem pena. Dessa forma, percebe-se que não há um traço compartilhado por todos os membros da família, mas um conjunto de traços que permite compartilhamentos parciais, assim como não há um traço definidor das categorias em geral.

As investigações iniciais de Rosch (1973, 1978), no âmbito da Psicologia, tiveram grande influência nos questionamentos ao modelo clássico de categorização, pois levaram a autora a defender que todos os tipos de entidades são organizados em termos de categorias prototípicas, cujos limites não são nítidos.

Uma das investigações de Rosch (1973, 1978) partiu dos julgamentos de estudantes universitários acerca das seguintes categorias: FRUTA, MOBÍLIA, VEÍCULO, ARMA, LEGUME, FERRAMENTA, AVE, ESPORTE e BRINQUEDO. Os estudantes deveriam julgar se os itens apresentados eram “bons exemplos” das categorias indicadas e, a partir de tais julgamentos, sugeriu-se a existência de efeitos prototípicos. Cadeiras, sofás, mesas e camas, por exemplo, foram indicados como MOBÍLIA e, logo, como protótipos. No entanto, cinzeiros, rádios, relógios e vasos foram considerados exemplos periféricos da categoria.

Entre protótipos e fronteiras categoriais, há membros intermediários, organizados em uma escala de prototipicidade. A organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com similaridade suficiente ao protótipo, até representantes muito periféricos, que apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial.

A fim de esclarecer essa ideia de organização categorial, observa-se o quadro apresentado por Ferrari (2011, p. 42), cujos membros são *sabiá*, *avestruz* e *pinguim*, que compartilham alguns traços da categoria AVE:

SABIÁ	AVESTRUZ	PINGUIM
tem bico	tem bico	tem bico
tem dois pés	tem dois pés	tem dois pés
põe ovos	põe ovos	põe ovos
tem duas asas	tem duas asas	
tem penas	tem penas	
pode voar		

Quadro 1 – Traços de membros da categoria AVE

O *sabiá* ocupa o núcleo prototípico da categoria, uma vez que possui o maior número de traços que também são encontrados em outros membros da mesma. Já o *avestruz* apresenta quase todos os traços definidores da categoria, com exceção de um (“poder voar”), e encontra-se, portanto, um pouco afastado do protótipo. E o *pinguim* compartilha apenas três traços com os demais, ficando mais próximo à fronteira categorial.

Deve-se ter em vista, entretanto, que nem sempre a avaliação de similaridade toma o protótipo como referência, posicionando os membros da categoria em função do grau de compartilhamento de atributos abstratos e independentes do elemento central.

É importante ressaltar ainda que o exemplar mais prototípico de uma categoria também pode depender do contexto, e os membros centrais dependentes do contexto podem ser diferentes dos protótipos não contextualizados.

A seguir, comenta-se acerca da noção de esquemas imagéticos, fundamental para a realização da análise pretendida.

4. Esquemas imagéticos

Os esquemas imagéticos costumam ser definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, da interação do homem com o mundo. Gibbs & Colston (1995, *apud* Almeida et al., 2010, p. 21) conceituam esquemas imagéticos como *gestalts* experienciais que emergem a partir da atividade sensório-motora, conforme se manipulam objetos, orienta-se espacial e temporalmente e se direciona o foco perceptual com diferentes propósitos. Assim, os esquemas imagéticos são considerados “representações dinâmicas análogas de relações espaciais e movimento no espaço” (GIBBS & COLSTON, 2006, p. 30).

Gibbs & Colston (2006) enfatizam que, apesar de os esquemas imagéticos derivarem de processos perceptuais e motores, não são processos sensorio-motores. Ao invés disso, tais esquemas são meios primários, imaginativos e não-proposicionais, pelos quais se constitui ou se organiza a experiência, e não meros receptáculos passivos, nos quais a experiência é depositada.

Os esquemas imagéticos existem transversalmente a todas as modalidades de percepção, promovendo a coordenação sensorio-motora da experiência humana. Dessa forma, tais representações são visuais, auditivas, táteis e sinestésicas ao mesmo tempo. Representam padrões esquemáticos que refletem domínios, como CONTÊNER, TRAJETÓRIA e BLOQUEIO, responsáveis pela estruturação da experiência ancorada no corpo. Em seguida, ilustram-se, respectivamente, os esquemas referentes aos domínios citados:

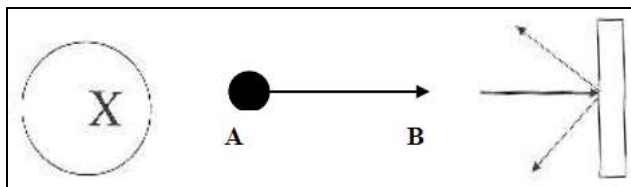


Figura 1 – Representação dos esquemas de CONTÊNER, TRAJETÓRIA e BLOQUEIO

É importante ressaltar que os esquemas imagéticos não são conceitos detalhados, mas abstratos, consistindo de padrões que emergem de instâncias repetidas da experiência de base corpórea. O esquema do CONTÊNER, por exemplo, resulta da experiência do homem com esse tipo de objeto, que propicia o uso de expressões que indicam movimento para dentro ou para fora, como ilustram os exemplos “O barco navegou para dentro do túnel” e “Ele jogou o lixo fora” (FERRARI, 2011, p. 87).

Outros esquemas também podem ser usados metaforicamente, como o EI DENTRO-FORA, que permite a construção das expressões a seguir: “Maria se enfiou numa roupa confortável e se jogou para dentro das cobertas” e “José colocou toda a raiva para fora” (FERRARI, 2011, p. 87). No primeiro exemplo, *roupa* e *cobertas* são retratadas como contêineres para dentro de onde o agente *Maria* se move. No segundo, o corpo de *José* também é entendido como um contêiner, de onde sai a *raiva*, compreendida metaforicamente como um fluido.

Uma vez que a noção de esquema imagético ancora diversos usos linguísticos que refletem a experiência corpórea dos seres humanos no

espaço físico e sustenta projeções entre domínios conceptuais, as quais são características de usos metafóricos, tal formulação teórica é fundamental para a análise pretendida, a qual se baseia, mais especificamente, nos esquemas de FORÇA (EQUILÍBRIO, FORÇA CONTRÁRIA, COMPULSÃO, RESTRIÇÃO, HABILIDADE, BLOQUEIO e ATRAÇÃO), formulados por Croft e Cruse (2004).

Na próxima seção, apresentam-se alguns aspectos da *teoria da metáfora conceptual*, cujas formulações embasam este trabalho tanto quanto o conceito de esquema imagético.

5. Metáfora: a perspectiva sociocognitiva

Um dos aspectos que diferencia a linguística cognitiva de outras abordagens é a importância atribuída aos processos de metáfora. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 45), a metáfora não é apenas um recurso da imaginação poética ou um ornamento retórico, mas “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação”.

Esses autores afirmam que os processos do pensamento são, em grande parte, metafóricos; logo, existem metáforas no sistema conceptual humano, as quais tornam possíveis as metáforas como expressões linguísticas.

De acordo com a linguística cognitiva, a metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas. Como exemplifica Ferrari (2011, p. 92), pode-se falar metaforicamente do conceito de DISCUSSÃO em termos de:

(a) um prédio (*Isso sustenta o que eu estou dizendo; Seu argumento desmoronou*);

(b) uma jornada (*Aonde você quer chegar?; Isso me leva à próxima conclusão; Esse argumento nos leva mais adiante*).

Como ilustram os exemplos, a metáfora é um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio da experiência em termos de outro, ou seja, as metáforas permitem que se use “um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 134). Dessa forma, para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-

alvo. O domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato, como se observa através do exemplo “Ele tem alta reputação na empresa” (FERRARI, 2011). Subjacente a essa construção, encontra-se um domínio-fonte de dimensão vertical do espaço físico e um domínio-alvo de *status* social.

Ao propor a *teoria da metáfora conceitual*, os estudiosos observaram que as metáforas estabelecem correspondências entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, mas não o contrário. Isso significa que uma das propriedades do processo é a unidirecionalidade. Assim, pode-se conceitualizar, por exemplo, o tempo em termos de espaço, mas não o oposto.

A partir de Lakoff (1987, 1990), Ferrari (2011, p. 98) explicita que essa teoria explorou ainda a ideia de que determinados conceitos derivam de esquemas imagéticos, argumentando que tais esquemas podem servir de domínio-fonte para a correspondência metafórica. Vale ressaltar que cada projeção metafórica define potencialmente um conjunto aberto de correspondências, a partir de padrões inferenciais compatíveis com contextos comunicativos e socioculturais específicos.

A seguir, comenta-se, mais detalhadamente, o conceito metafórico que estrutura o *corpus* desta pesquisa.

5.1. Subcategorização e metáfora

Lakoff e Johnson (2002) sugerem que a diferença básica entre uma conversa e uma discussão é a sensação de estar em uma batalha. Em vista disso, percebem-se alguns traços característicos de uma batalha em uma discussão, como: um dos participantes tem uma opinião que considera importante e que o outro não aceita; pelo menos um dos participantes deseja que o outro desista de sua opinião e isso cria um entendimento de que há algo a ser ganho ou perdido; percebe-se o envolvimento em uma discussão quando se nota a própria posição sob ataque, ou quando se sente necessidade de atacar a posição do outro participante; e, principalmente, entende-se que a conversa tornou-se uma discussão quando o interesse maior é tentar fazer a opinião do outro ser desacreditada, enquanto se tenta manter a própria posição. Considera-se, portanto, discussão uma conversa em que o elemento de cooperação polida pode desaparecer.

Apesar de não ser um combate real, a estrutura desse tipo de conversa assume aspectos da estrutura de guerra, a qual influencia nas atitudes dos participantes. Sendo assim, um participante experiencia o outro como um adversário, ataca a posição do outro, defende a sua própria posição e tenta fazer o adversário render-se. A reestruturação da conversa em termos da estrutura da “guerra” pode ser vista a partir das características a seguir:

Você tem uma opinião que considera importante. (ter uma posição); O outro participante não concorda com você. (ter uma posição diferente); É importante para vocês dois, ou pelo menos para um de vocês, que o outro desista de sua opinião (render-se) e aceite a do outro (vitória). (ele é seu adversário); A diferença de opiniões torna-se um conflito de opiniões. (conflito); Você pensa na melhor maneira de convencê-lo a aceitar seu ponto de vista (plano de estratégia) e considera que evidência você poderá trazer para reforçar sua questão. (forças marciais); Considerando o que você percebe como fraquezas da posição do outro, você faz perguntas e coloca objeções planejadas para forçá-lo a desistir e adotar a sua opinião. (ataque); Você tenta trocar as premissas da conversa de maneira que você fique numa posição mais forte. (manobra); Respondendo às perguntas e objeções do outro, você tenta manter sua própria opinião. (defesa); À medida que a discussão se desenvolve, há necessidade de revisão para poder manter sua visão geral. (recuo); Você pode levantar novas questões e objeções. (contra-ataque); Ou você se cansa e decide parar de discutir (trégua) ou nenhum de vocês dois consegue convencer o outro (impasse), ou um de vocês desiste (rendição). (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 156-157).

As características vistas transformam uma conversa em discussão, pois correspondem a elementos do conceito GUERRA. Tais elementos se adicionam ao conceito CONVERSA nas seis dimensões de estrutura da conversa.

As seis dimensões principais que estruturam uma conversa polida são: *participantes* – aqueles que assumem papel de falante e definem a conversa por aquilo que fazem e pelo papel que desempenham ao longo dessa; *partes* – cada turno de fala que compõe a conversa como um todo, as quais devem ser colocadas juntas de maneira que haja um conversa coerente; *sequência linear* – os turnos de fala dos participantes são organizados em uma sequência linear, tendo como condição geral a alternância dos falantes; *causalidade* – espera-se que o fim de um turno de fala dê início ao próximo turno; *propósito* – o propósito maior de uma conversa é manter uma interação social polida de modo razoavelmente cooperativo; *estágios* – conjunto de condições iniciais (coisas ditas para dar início à conversa: Olá! Como vai?) somados aos estágios começo, meio e fim (esses estágios são marcados por expressões que fazem a conversa desenvolver-se ao longo da parte central e por expressões finalizadoras).

Observando essas mesmas dimensões, nota-se o que existe do conceito GUERRA no conceito CONVERSA. No conceito CONVERSA, tais dimensões se definem da seguinte forma: *participantes* – pessoas ou grupos de pessoas que desempenham papel de adversários; *partes* – as duas posições, planejamento de estratégias, ataque, defesa, recuo, manobra, contra-ataque, impasse, trégua, rendição/vitória; *sequência linear* – recuo depois de ataque, defesa depois de ataque, contra-ataque depois de ataque; *causalidade* – ataque resulta em defesa, ou contra-ataque, ou recuo, ou fim; *propósito* – vitória; *estágios* – formados pelas condições iniciais, início, meio e fim. Nas *condições iniciais*, os participantes têm diferentes posições, assumem que podem defendê-las e pelo menos um deseja que o outro se renda. No *início*, um adversário ataca. No *meio*, existem combinações de defesa, de manobra, de recuo e de contra-ataque. No *fim*, ou existe uma trégua, ou um impasse, ou rendição/vitória. E como *estado final* tem-se a paz, ou seja, o vitorioso domina o perdedor.

Vê-se, dessa forma, que a atividade de falar é estruturada em termos de outra atividade: a guerra. Entende-se, portanto, que discussão é uma conversa porque a atividade de falar acontece em ambos os casos e porque uma discussão tem todos os traços básicos de uma conversa. Por outro lado, considera-se DISCUSSÃO É GUERRA uma metáfora porque se compreende que discussão e guerra são tipos de atividades diferentes, e porque discussão é parcialmente estruturada em termos de guerra, ou seja, apenas alguns elementos do domínio GUERRA são usados em termos de discussão. Assim, define-se a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA por meio de dois critérios: diferença no tipo de atividade e estruturação parcial; e se compreende que uma discussão é uma subcategorização de conversa, tendo em vista os seguintes critérios: mesmo tipo de atividade e mesmos traços estruturais em número suficiente.

Na seção de análise, investiga-se como a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA estrutura o *corpus* estudado.

5.2. Usos do mas na argumentação: um caso de metáforas, protótipos e esquemas imagéticos

O *corpus* selecionado consiste na primeira sessão de um caso de mediação endoprocessual, acompanhado e gravado pelo Prof. Dr. Paulo

Cortes Gago (UFJF)³⁴. Tal sessão ocorreu no dia 29 de maio de 2007, na Vara de Família do Fórum de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro e resultou em quarenta e cinco minutos de gravação e em vinte e cinco páginas de transcrição, cujos símbolos foram desenvolvidos por Gail Jefferson e encontram-se estabelecidos em Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Trata-se de um processo de *Regulamentação de Visitas*, em que se contemplava a possibilidade de o pai, o requerente, encontrar-se com os filhos, Vitor e Íris, não apenas a cada quinze dias, durante os finais de semana, conforme estabelecido anteriormente, mas também durante a semana.

No *corpus*, escolheu-se utilizar pseudônimos para identificar os participantes. Em vista disso, verifica-se a seguinte distribuição: Sônia, assistente social, é a mediadora das sessões do caso analisado; Amir é o requerente do processo de pedido de regulamentação de visita; Flávia é a requerida; Vitor e Íris são filhos de Amir e Flávia; Fernanda é a nova esposa de Amir; e Maria Eduarda é filha de Fernanda.

Para que as análises sejam claras, optou-se por demonstrar, primeiramente, por meio de três exemplos, como as metáforas estruturam a conversa como um todo; e, posteriormente, explicitar, em mais três exemplos, alguns esquemas imagéticos que sustentam os usos do conectivo. A seguir, apresentam-se os primeiros três exemplos:

Excerto 1 – 92 página/ 14 linha

Sônia: realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso exatamente, desse dessa embotamento, né. dessa tristeza,=

Flávia: =e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é que fica.

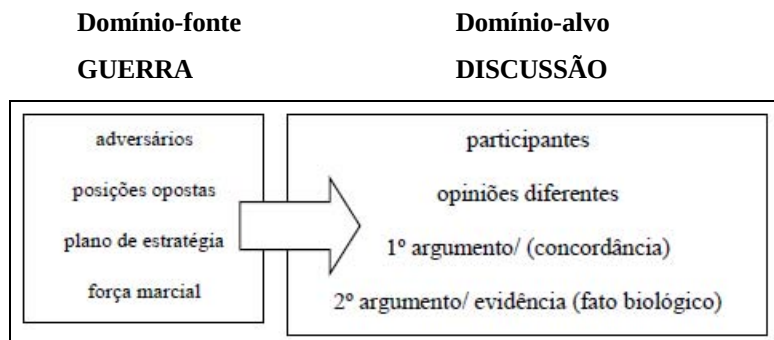
Sônia: provavelmente sim. **mas** esse é o pai do vitor.

Devido à metáfora da “guerra” estruturar todo o discurso analisado, considera-se que os participantes da interação são conceptualizados como *adversários* e que as opiniões defendidas por cada um são compreendidas como *posições opostas*. Além disso, no exemplo acima, observa-

³⁴ A transcrição elaborada a partir da gravação do caso integra o projeto de pesquisa “Contextos de intervenção de terceiras partes em situação de conflito” (projeto SHA – APQ 2129, FAPEMIG) do Prof. Dr. Paulo Cortes Gago.

se que Sônia, primeiramente, concorda com o argumento de Flávia e, posteriormente, introduz uma evidência, baseada em um fato biológico, para sustentar a posição de que Amir deve conviver com o filho. A atitude de concordar pode ser conceptualizada como um *plano de estratégia* adotado pela mediadora, e a conjunção introduzida pelo conector pode ser conceptualizada como uma *força marcial*, já que o argumento é baseado em um fato biológico e, portanto, incontestável. Dessa forma, verifica-se que o conector coordena duas conjunções argumentativas, uma compreendida como um *plano de estratégia* e a outra como uma *força marcial*.

Ilustram-se as projeções metafóricas envolvidas nessa ocorrência no esquema abaixo:



Esquema 1 – Representação de projeções metafóricas

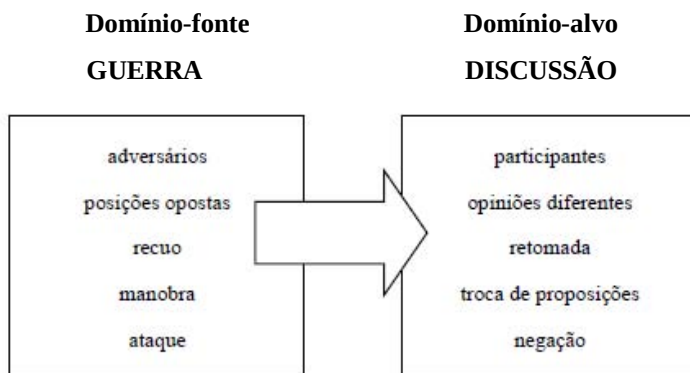
Excerto 2 – 92 página/ 16 linha

Flávia: é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. **Mas** ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu. isso eu quero saber se afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou [o meu namorado,

Para manter a visão de que o pai não deve passar mais tempo com os filhos, Flávia retoma a afirmação, dita pela mediadora em uma outra sessão, que pode ser parafraseada como *Amir é o pai que Flávia escolheu para seus filhos*, negando-a. Essa estratégia de retomada, a qual pode ser conceptualizada como um *recuo*, possibilita que Flávia execute uma *ma-*

nobra, ou seja, tente trocar a proposição *Amir é o pai que Flávia escolheu para seus filhos* por *Amir não é o pai que Flávia escolheu para seus filhos, pois não é mais a mesma pessoa*. Com essa manobra, Flávia pretende colocar-se em uma posição mais forte do que a da mediadora, para *atacar* a posição de Sônia de que o pai deve passar mais tempo com os filhos, e forçá-la a adotar outra posição (*render-se*). Assim, a conjunção introduzida pelo conector pode ser conceptualizada como um *ataque*.

Apresentam-se, abaixo, algumas projeções que fundamentam o uso do *mas* nesse caso:



Esquema 2 – Representação de projeções metafóricas

Excerto 3 – 92 página/ 36 linha

Flávia: [você é pai da íris.] você considera a íris como sua filha.

Amir: a não ser qu-

Sônia: deixa o seu amir falar um pouquinho então dona flávia.

Amir: a não ser que você fale o contrário, **mas** parece que sou né.

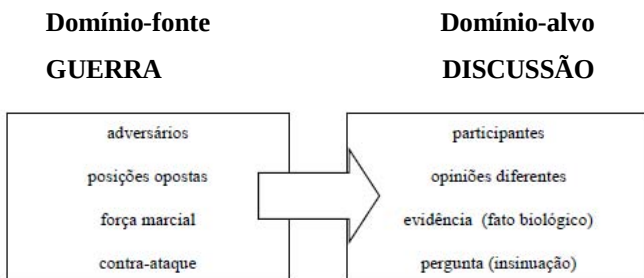
No contexto em que esse excerto se insere, vê-se que Amir é mais próximo de seu filho do que de sua filha. De acordo com Flávia, Amir não procura se aproximar da filha, porém, esse participante nega a acusação da ex-esposa, dizendo que está tentando se aproximar aos poucos da menina.

Nesse excerto, nota-se que Flávia considera o fato de Amir não estar conseguindo se aproximar da filha como uma fraqueza de seu *ad-*

versário, já que a medianda *ataca* a posição social de pai do ex-marido, questionando se Amir é realmente pai de Íris, uma vez que as atitudes desse participante não estariam condizendo com o papel de pai.

Amir, por sua vez, *contra-ataca* o argumento subentendido no questionamento de Flávia – *Amir não é o pai da Íris porque não dá atenção a ela* –, levantando uma nova questão – “a não ser que você fale o contrário, mas parece que sou né.” –, a qual põe em dúvida a honestidade de sua ex-esposa. Nota-se, portanto, que a pergunta introduzida pelo conector pode ser conceptualizada como um *contra-ataque*. Além disso, subentende-se uma *força marcial* – o fato biológico de Amir ser o pai das crianças – nesse questionamento.

Tendo em vista essa análise, observa-se o seguinte esquema:



Esquema 3 – Representação de projeções metafóricas

Tendo em vista que todo o discurso analisado é estruturado pela metáfora da “guerra”, considera-se que o uso do conector *mas*, descrito frequentemente como um operador argumentativo que evidencia contraste ou oposição, seja fundamentado por esquemas imagéticos de força nesta interação, como se observa a seguir:

Excerto 1 – 92 página/ 14 linha

Sônia: realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso exatamente, desse dessa embotamento, né. dessa tristeza,=

Flávia: =e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é que fica.

Sônia: provavelmente sim. **mas** esse é o pai do vitor.

O uso do conector *mas*, de acordo com o *corpus* analisado, é fundamentado pelo esquema do *bloqueio* quando a noção da existência de uma barreira física, removível ou não, que impede a continuação de um movimento é transferida para a ideia de uma interrupção na argumentação do interlocutor devido à tomada de turno por um outro participante da interação ou devido à mudança de assunto pelo próprio falante, no caso de uma retomada. Assim, a noção de bloqueio permite que se conceitualize o argumento introduzido pelo conector como uma força que dificulta a continuação da argumentação do participante que detém a posse do turno ou que impede a continuação de um mesmo assunto.

Considera-se que o bloqueio é mais difícil de ser removido quando a interrupção da fala de um interlocutor deve-se à introdução de um argumento mais forte por outro participante da interação ou quando há uma tentativa de encerramento do assunto. Quando ocorre uma tentativa de tomada de turno, entretanto, considera-se o bloqueio de fácil remoção. Na análise dos exemplos a seguir, nota-se que os argumentos baseados em fatos são conceptualizados como bloqueios de difícil remoção, já aqueles baseados em opiniões são entendidos como de fácil remoção.

No exemplo acima, especificamente, a fim de sustentar a posição de que as crianças não devem passar tanto tempo com o pai, Flávia alega que o quadro de síndrome do pânico e depressão do ex-marido afetaria Vitor psicologicamente. Sônia, por sua vez, afirma que, ainda que o estado de Amir afete de certa forma o filho, isso não justifica um afastamento entre os dois. Assim, o uso do conector é sustentado pelo esquema do *bloqueio*, uma vez que há uma interrupção na argumentação do interlocutor devido a um argumento mais forte do falante. Nesse caso, a mediadora considera que a convivência entre pai e filho não deve ser impedida, está acima dos problemas que a doença do pai pode ocasionar.

Excerto 2 – 92 página/ 16 linha

Flávia: é. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. **Mas** ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu. isso eu quero saber se afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou [o meu namorado,

O conector é fundamentado por um esquema de *força contrária* quando a noção física de forças em direções opostas é transposta para a noção de argumentos ou ideias contrárias. É válido ressaltar que o contraste ou a oposição pode ocorrer de forma explícita, mais marcada linguisticamente, ou de forma implícita, quando o falante opõe-se a um subentendido da fala do interlocutor. O uso do conector fundamentado pelo esquema de *força contrária* pode ainda evidenciar uma oposição a uma expectativa inferida da primeira conjunção, um contraste entre suposições ou uma manifestação de contrariedade em relação a uma hipótese levantada pelo interlocutor.

No exemplo acima, conector marca uma oposição entre o comentário expresso pela mediadora em um encontro de mediação anterior, o qual Flávia retoma, e a opinião da requerida. Flávia contraria a ideia de que Amir é o pai que ela mesma escolheu para seus filhos, afirmando que esse homem não é o mesmo que escolhera, pois a personalidade do requerente teria mudado muito.

Excerto 3 – 91 página/ 25 linha

Sônia: nem me lembro mais quem é o requerente desse processo, quem é que começou, **mas** é que veio pedir ao juiz, botou a VIDA pro juiz pro juiz decidir. pediu o juiz decide.

O esquema de restrição representa uma força física que limita um movimento. Tal noção pode ser transportada para a noção de força social ou argumentativa que limita um determinado argumento.

Nota-se que o conector pode ser conceptualizado como uma força que especifica uma ideia ou que restringe o foco de atenção ou a opinião negativa do interlocutor. Além disso, tal conector pode introduzir uma condição, que é compreendida como uma restrição à vontade do outro participante ou como uma ressalva.

Neste trecho, observa-se que a mediadora considera importante apenas uma das ideias expostas. Verifica-se que não há uma atribuição de importância a quem é o requerente do processo, enquanto há um enfoque no objetivo desse requerente. Entende-se, portanto, que o uso do conector se apoia em um esquema de *restrição*, ou seja, tal conector funciona como uma força que restringe o foco de atenção do interlocutor.

6. Considerações finais

Os exemplos analisados demonstram que o conector *mas* funciona como um gatilho para a ativação do domínio “guerra”, que estrutura o gênero analisado como um todo, e que, em função disso, tal conector pode ser descrito como uma categoria radial, formada a partir dos diferentes esquemas imagéticos de *força* que fundamentam seus usos na interação.

Quanto às funções argumentativas do *mas*, constata-se que, por meio dos mapeamentos metafóricos ativados durante a conversa, a partir da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, esse conector coordena ou introduz argumentos que podem ser conceptualizados como *ataque*, *defesa*, *contra-ataque*, *recuo*, *manobra*, *plano de estratégia* ou *força marcial*.

Essas breves análises corroboram ainda a ideia de que o conceito de esquema imagético é bastante produtivo em relação à descrição linguística, já que se postula que os usos do conector são fundamentados por diferentes esquemas de *força*.

Considerando que as gramáticas tradicionais entendem que o uso prototípico do *mas* é baseado no esquema de FORÇA CONTRÁRIA, pois tal conector é constantemente descrito como um marcador de oposição ou contrariedade, essa pesquisa abre caminhos para outras. Uma vez que uma importante postulação da *teoria dos protótipos* é que o exemplar mais prototípico de uma categoria depende do contexto, seria interessante verificar os protótipos de uso do *mas* em diferentes gêneros.

A partir dessas análises do comportamento semântico-discursivo do conector *mas* no gênero mediação, buscou-se demonstrar que, em linguística cognitiva, existem postulações que representam ganhos teóricos em relação à descrição semântica dos itens linguísticos, neste caso, mais especificamente, do conector *mas*, que pode ser, futuramente, detalhado como uma categoria radial; e ainda contribuir com os estudos acerca da visão da metáfora como um aparato cognitivo que opera, de forma subjacente, na formulação de estratégias argumentativas, colaborando, assim, para o estudo da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Por fim, espera-se ter apresentado, minimamente, como a teoria da metáfora conceptual e as noções de protótipos e esquemas imagéticos podem ajudar a compreender os mecanismos cognitivos que possibilitam o uso da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lucia L. *et al* (Org.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

BARCELONA, Antonio. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 299-320.

CAMERON, Lynne. Metaphor and talk. In: GIBBS Jr., Raymond W. (Ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 197-211.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Gramática: Uma perspectiva socio-cognitiva. In: CHIAVEGATTO, Valeria Coelho (Org.). *Pistas e travessias II: bases para o estudo da gramática, da cognição e da interação*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

DURANTI, Alessandro. Trocas conversacionais. Trad.: Letícia Loder (mimeo). In: DURANTI, Alessandro. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L.V. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

GARCEZ, Pedro M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad.: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). São Paulo: EDUC; Mercado de Letras, 2002.

_____. *Metaphor we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, H. M. M. Metáfora e regularidades linguísticas. In: MIRANDA, Neuza Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

_____. Pressuposição. In: _____. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Santa Catarina: Insular, 2006, p. 12-15 e 52-58.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-35, 1974.

SAMPAIO, Lia Regina Costaldi; BRAGA NETO, Adolfo. *O que é mediação de conflitos*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos, 325).

SARDINHA, Tony Beber. *Metáforas*. São Paulo: Parábola, 2007.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VELOZO, Naira A. *Os esquemas de FORÇA e a metáfora da GUERRA: uma análise sociocognitiva dos usos do “mas” em mediação*. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.